



AUDE LANCELIN
MARIE LEMONNIER

OS FILÓSOFOS E O AMOR

Amar, de Sócrates a Simone de Beauvoir

PREFÁCIO DE
EDUARDO LOURENÇO

TRADUÇÃO DE
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

© 2008, Aude Lancelin e Marie Lemonnier

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título Original: *Les Philosophes et l'amour.*
Aimer de Socrate à Simone de Beauvoir
Autoras: Aude Lancelin e Marie Lemonnier
Tradução: Carlos Vaz Marques
Prefácio: Eduardo Lourenço
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Vera Távares
Composição: Tinta-da-china

EDIÇÃO DE BOLSO
1.ª edição: Janeiro de 2015
ISBN: 978-989-671-246-4
Depósito Legal n.º 385523/14

ÍNDICE

- 9 PREFÁCIO: *Os dois amores*
- 17 INTRODUÇÃO
- 27 PLATÃO: *O bino ao amor*
29 *A metade da laranja*
32 *O nascimento de Eros*
34 *O lado obscuro da força*
36 *Em direcção ao oceano do Belo*
- 41 LUCRÉCIO: *O amor desafiado*
42 *Como falbar na vida numa única lição*
45 *O segredo mau do amor*
48 *A salvação pelo sexo*
50 *Epicuro contra os suínos*
52 *O demónio de Lucrecio*
- 57 MONTAIGNE: *O amor aos saltos e em cabriolas*
60 *Elogios das volúpias terrestres*
63 *Lição n.º 1: retardar o êxtase*
65 *Dominar as emoções*
67 *A cidadela inexpugnável*
69 *A amizade superior*
71 *Não há amor enjaulado*
74 *Mulheres e homens, o mesmo combate*
76 *Um último amor?*
- 79 JEAN-JACQUES ROUSSEAU: *Vida e morte do romantismo*
80 *Uma utopia amorosa desbaratada*
84 *O amor, um artifício contagioso*
88 *O amor não passará*
90 *A marquesa de Merteuil, discípula de Rousseau*
92 *Onde estão as mulheres*
95 *O amor em perigo*

- 99 *Nem celibato, nem casamento, tudo isso em simultâneo*
102 *Pequenas cedências à angústia*
105 *O amor impossível*
- 109 IMMANUEL KANT: *O deserto do amor*
111 *O sexo, um mal necessário*
112 *Eu, Immanuel K., filósofo e celibatário...*
114 *O enigma Charlotte*
116 *A guerra dos sexos há-de acontecer mesmo*
117 *Paixão mortal*
118 *Rousseau, educador sexual*
120 *Quando Kant defende as suas damas*
124 *A antropologia dos amantes*
- 127 ARTHUR SCHOPENHAUER: *O amor assassinado*
128 *A vida, carrossel diabólico*
129 *O amor, armadilha do instinto sexual*
131 *Anatomia da paixão*
134 *A desgraça da filosofia*
137 *Guerra às mulheres*
139 *O amor, força dos fracos*
142 *A senhora minha mãe...*
143 *O filósofo e os seus bastardos*
145 *Sobreviver em tempos de monogamia*
147 *Schopenhauer, educador*
150 *Almejar o Nirvana*
- 155 SÖREN KIERKEGAARD: *O amor absoluto*
159 *Ela deve odiar-me*
162 *A origem do mal*
166 *O impasse dos desejos*
169 *A vida em ordem*
171 *Aqui-d'el-rei pelo casamento burguês*
173 *Ser um indivíduo, não um carneiro*
175 *O caminho divino*
177 *Nada está perdido*
180 *Ela é minha, para sempre*
- 187 FRIEDRICH NIETZSCHE: *O amor a golpes de martelo*
191 *Na fonte da sensualidade*
194 *A luta será cruel*
197 *Louco por Lou*
200 *Casados!*
204 *O «Celibatário» de Basileia*
207 *O dragão do seu tesouro*
209 *O Verão assassino*
212 *A gravidez de Nietzsche*
- 215 MARTIN HEIDEGGER E HANNAH ARENDT:
O bater das asas de Eros
216 *O Dasein amoroso*
219 *O dever do amor*
222 *A minha querida alminha*
227 *O casal existencialista teutónico*
230 *Errando a cadeira*
232 *A monarquia bicéfala*
235 *O crime da infidelidade*
- 239 JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR:
O amor em liberdade
240 *Impostores ou superiores?*
241 *O casal como cidadela*
242 *A hora da escolha*
244 *O pacto*
245 *A obsessão passional*
247 *Dizer tudo*
250 *Laclos, Estaline ou Fourier?*
254 *O amor, perigo mortal para a mulher*
257 *Simone in love*
258 *Quando os satélites se revoltam*
260 *A perturbação do filósofo Sartre*
263 *O amor ou o nada*
267 *A alegria do amor*
- 271 NOTAS BIOGRÁFICAS

PREFÁCIO
Os dois amores

«Nelly, eu sou Heathcliff.»

EMILY BRONTË, *O Monte dos Vendavais*

«Eu, eu digo: a volúpia única e suprema do amor consiste na certeza de praticar *o mal*.»

BAUDELAIRE

NOTA DO TRADUTOR

Os muitos títulos de livros referidos nesta edição surgem aqui na sua versão portuguesa sempre que há uma tradução registada na Base Nacional de Dados Bibliográficos. Para as obras que nunca tiveram edição entre nós é usado o título original, sem tradução, quando estão em causa livros em francês. No caso de obras de outras línguas, que as autoras citam na versão francesa e que não estão publicadas em Portugal, optou-se por uma adaptação do título à língua portuguesa, dado que esses títulos são, por vezes, essenciais à compreensão do texto.

Do maior dos nossos poetas conhecemos desde os bancos da escola a sua imagem do amor como «fogo que arde sem se ver». Não estranhará, assim, como o lembram as autoras deste livro, que esta mítica combustão da substância humana que designamos por «amor» não tenha merecido da parte dos filósofos aquela atenção que tão temeroso estatuto mereceria ou impunha.

Um deles, Schopenhauer, pensará mesmo que, até ao momento em que ele se ocupou do magno assunto, pouco de sério se tinha escrito sobre a enigmática realidade do Amor. Ou antes, que o discurso filosófico desde Platão até à sua época tomara à letra o papel que a mitologia grega atribuíra a Eros, «divinizando-o» ou vendo nele um *daimon* responsável pela ordem do mundo ordenada à contemplação e fruição do Bem, sua essência que a ordem humana reflecte.

Puro conto de fadas na sua ótica «naturalista» que não vê na Existência mais que uma Vontade cega, sem finalidade transcendente alguma, animada apenas pelo desejo da sua afirmação e perpetuação. Desta Vontade, expressão não idealizada e não ilusória, aquela que estrutura a Vida — a vida universal e a nossa, conscientes dela —, é aquilo que vivemos e designamos como pulsão sexual. Sem ter a coragem de nos confrontar com ela como

realidade absoluta de que todas as outras são feitos, transfigurámo-la no mais mitificado e positivo dos sentimentos humanos, objecto de toda a nossa complacência de deuses virtuais, o Amor, quando seria apenas a sua leitura mentirosa ou interessada. Ou antes, a estratégia da espécie para cumprir o único desígnio da vida como Vontade: reproduzir-se.

Em plena época romântica que elevou o sentimento amoroso a forma do mundo, esta «desmistificação» do autor do *Mundo como Vontade e Representação* assinala o anti-clímax do longo discurso sobre o lugar do Amor na tradição do Ocidente desde a Grécia. Representa a sua des-romantização e mesmo a sua sátira. Com Schopenhauer não é apenas a mitologia amorosa do Ocidente que perde sentido, reduzida a um *fait-divers* da história da espécie, como esta mesma história se «naturaliza» e toma a forma de uma crítica radical do Mundo para negar qualquer «sentido» transcendente e condição de transcendência ao único «sentimento» que no-lo tornara parte dele e ele nosso: o Amor mesmo como Platão o concebera.

A «guerra» ao Amor que Schopenhauer radicalizou, interiorizando e levando às suas últimas consequências a ausência da plenitude de Sentido no coração mesmo da vida sem ele, que a título mítico inventara o Amor para a suportar — o que nem o Amor antigo nem o Amor cristão exemplificaram apenas como ficção poética ou nostalgia infinita da sua carência —, tivera na cultura antiga o seu filósofo e mártir incomparável: Lucrécio. Em termos ocidentais, toda a atenção que o Amor como mito à busca de leitura provocou até à sua «morte», às mãos de Schopenhauer, têm Platão e Lucrécio como sua fonte. Nem por outras razões as autoras de *Os Filósofos e o Amor* abrem o seu livro sob o signo de um e outro, como Voltaire o fizera, vendo em ambos os dois pa-

radigmas do discurso ocidental sobre o Amor. Pelo menos os dois de assumida preocupação filosófica, tal como o século das Luzes a entendeu, metafísico, um, físico, o outro. Hoje diríamos talvez apenas «antropológico». Do Amor humano, através de Diotima, «perita em amor», segundo Sócrates, Platão remonta ao amor divino como energia ou força ou simpatia, espécie de alma do universo, como o era já para Empédocles, mas sem par antagónico, como o Ódio.

Este imaginário mítico da ordem sentimental humana terá longa vida como Força nas ficções do cinema apocalíptico nossas contemporâneas. Ao contrário, o amor moderno obedece ao ritmo do nosso coração e, inversamente, o nosso coração bate em unísono ao ritmo do universo. Novalis dará desta «metafísica» do Amor a mais sublime das traduções práticas: «O universo é a extensão da minha bem-amada.»

Embora diversa e oposta à visão platónica, a de Lucrécio tem uma leitura cósmica como a dele, mas o seu cosmos não é nenhuma força espiritual ou metafísica-espiritual como a de Platão. É apenas o efeito da associação contingente de átomos organizando-se entre eles por atracção ou repulsão. Nenhuma «alma», no sentido platónico, nenhum mundo celeste de onde as «almas» teriam descido lembradas da sua vida anterior e promessa de retorno à sua origem. Em suma, amor «sem metafísica nenhuma». Como o de Lucrécio, lugar de uma luta mortal que, antes de ser «a luta mortal dos sexos» ou do Sexo a que Nietzsche e o seu educador Schopenhauer reduzem o Amor, é mero arranjo arbitrário de átomos que não se compreende como será um dia «sentimento» sem outra lei que essa «metafísica-física», atracção e repulsão entre «mónadas cegas».

Como o sublinham as autoras desta revisitação do discurso filosófico do Ocidente, toda a «mitologia» divinizante do Amor

tem a sua fonte na visão platónica. No mundo antigo e mais tarde na época da sua ressurreição filosófico-literária no Renascimento, os *Diálogos de Amor* convertem-se numa espécie de manuais de iniciação a esse sublimado Amor platónico. O nosso Leão Hebreu (fonte de Camões) foi um dos seus corifeus.

Aude Lancelin e Marie Lemonnier não se ocupam desse momento que colocou o Amor no centro da Filosofia e que teve na literatura, ou através dela, uma influência cultural e um papel civilizador incomparáveis. Como também — e não se impunha, pois o seu propósito é «filosófico» e não literário — evitaram evocar a época anterior que, se não criou a mitologia amorosa do Ocidente, lhe teria renovado o tema e mesmo a essência e, de algum modo, subvertido o sentido. Refiro-me ao famoso livro de Denis de Rougemont, *O Amor e o Ocidente*. Nem em Platão nem em Lucrécio encontramos uma outra espécie de Amor — ou antes, de mitologia amorosa — a que Denis de Rougemont conferiu foros de originalidade.

Embora possa ser lida como uma espécie de perversão da visão platónica do amor, esta nova e original mitologia encarnou, ou conquistou de forma duradoura uma outra versão do Amor. Ou antes, uma outra figura do Amor. Que não procede tanto da herança pagã, na sua dupla versão platónica ou lucreciana, como da vivência e da sensibilidade de essência cristã. É aquela que condiciona a mitologia do «amor-paixão» e a moderna erótica imposta por uma adoração do objecto amado como inacessível, desvinculado da sua fonte sexual ou em luta com ela.

Desta visão do Amor só de passagem trata este ensaio, talvez por ser a Literatura e não a Filosofia que dela se ocupou como matéria exclusiva, dada a natureza ontológica ou simbolicamente mágica desse amor. Aquele que a Busca do Graal e a história de

Tristão e Isolda ilustraram desde Chrétien de Troyes até Wagner e que hoje se encontra disseminada na mais trivial «história de amor». Em suma, a de uma sublimação tão radical da pulsão amorosa que só a fusão e a dissolução na morte do objecto amado se exprime e consome.

Por essência, a Filosofia devia ficar à porta desta «loucura de amor», pois ela enraíza no mais obscuro e inconsciente da realidade humana e é a sua expressão sem verbo. Contudo, no *Banquete* se diz do amor que ele é fonte inesgotável de discurso. Ao contrário, deste amor-paixão como vivência de uma absoluta perdição-salvação num Outro através de um Outro que nos restitui ao Todo de que estamos separados antes de o conhecermos (e o sermos), só o silêncio fala. Ou canta, verbo aquém e além do verbo, ópera ao divino sem amor dentro.

O paradoxo deste Amor absoluto e do Absoluto contraria a tradição amorosa do Ocidente que, para conciliar o inconciliável da pulsão amorosa como instinto sem fé nem lei e a relação humana como fidelidade consagrada no casamento, tal como S. Paulo o aconselhou com reticências, é tão negador e crítico do mundo como a sátira «desilusionista» de Schopenhauer. O famoso mito de Tristão, paradigmática «história de amor e morte» e só nesta simbiose negativa cumprido, ilustra menos o Amor como essência e forma do mundo que Dante evocava ainda platonicamente movendo «o sol e as estrelas», do que a sua rejeição simbólica. Como todas as míticas histórias de amor do Ocidente, a de Tristão é a da tragédia inerente ao mesmo Amor. Não por motivos contingentes, como os de Édipo e da tragédia antiga, mas intrínsecos. Isto é tanto mais interessante por a história de Tristão ser um *remake* de uma história grega. É dela que procede «o filtro», intervenção *ex-machina* num mundo onde tudo depende do Destino, que é

INTRODUÇÃO

Segundo um lugar-comum profundamente enraizado, amor e filosofia têm más relações entre si. Estarão mesmo de costas voltadas, pelo menos desde a era moderna. O amor, sentimento encantador por excelência, teria resistido mal ao desencanto generalizado do mundo moderno. O pequeno Cupido, de aspecto ora pueril ora hostil, com as suas asas escondendo um arco mortífero, teria ido juntar-se aos outros deuses no cemitério das velhas tolices. No fundo, a tradição pessimista dos moralistas franceses teria vencido na batalha do amor. Sob um romantismo tonto, seriam na realidade o sexo, o calculismo e o desejo de poder que se dissimulariam grosseiramente. O sentimento amoroso não justificaria, portanto, que se perdessem com ele duas horas de esforço conceptual. Ao abordar um aspecto de tal forma central na vida humana, não é contudo pequena a surpresa de constatar que ele é quase um terreno baldio, abandonado aos romancistas do niilismo sexual, aos sociólogos de uma nova «confusão amorosa» ou a uma religiosidade de pacotilha. Ninguém tenta verdadeiramente confrontar os diferentes pontos de vista filosóficos acerca do amor, a tal ponto que já quase se poderia encontrar, a respeito deste tema, uma profundidade maior nas canções populares do que entre os pensadores contemporâneos.

Esta estupefacção, já Arthur Schopenhauer a exprimia intensamente em *O Mundo como Vontade e Representação*¹, publicado em 1818. «Deveríamos surpreender-nos bastante pelo facto de uma questão com um papel tão importante na vida humana nunca ter sido, digamos, tomada em consideração pelos filósofos, aparecendo-nos como um assunto sobre o qual ainda ninguém se debruçou.» Trata-se de um exagero, claro. O irascível filósofo prussiano chega até a escarnecer, ao reduzir a reflexão platónica a uma questão de amor homossexual grego. Mas trata-se, ao mesmo tempo, de identificar um verdadeiro mistério. O paradoxo, na verdade, é o facto de que a filosofia, nascida na Grécia com a questão do amor, qual Vénus surgindo nua da concha botticelliana, parece ter renegado essas suas origens. O seu iniciador, Sócrates, afirmava em *O Banquete*², de Platão, nada saber a não ser acerca das «questões que dependem de Eros». Uma declaração promissora, que não virá a produzir qualquer efeito. Será assim necessário esperar por Kierkegaard para que o amor volte a ser encarado como um modo de compreender a existência.

Condição *sine qua non* para a felicidade da maior parte dos seres humanos, motivo imperecível para qualquer drama literário, o amor é abordado pelos filósofos com a prudência de quem entra na jaula de uma fera correndo o risco de ser imediatamente devorado. Perante esta constatação, pode arriscar-se toda a sorte de explicações. Pode entender-se que os filósofos, preocupados em libertar o homem de qualquer tipo de alienação mental, observam de um modo circunspecto esta estranha paixão que pode conduzir à morte por desgosto. Num pensador do século I a.C., como Lu-

¹ *O Mundo como Vontade e Representação* [*Die Welt als Wille und Vorstellung*]; trad. M.F. Sá Correia. Rés, 1987. (N. do t.)

² *O Banquete*; trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Edições 70, 1991. (N. do t.)

crécio, inspirado pela velha ética grega, o amor é tratado, tal como deve ser objectivo da filosofia, sem a mínima perturbação. «Vazio é o discurso do filósofo se não contribui para curar a doença da alma», assegura uma máxima epicurista. A esta preocupação com a «vida boa», os sistemas filosóficos modernos, como se sabe, voltarão mais ou menos as costas. Mas, em relação ao amor e às paixões ambíguas em geral, o reflexo antigo permanecerá: mais vale protegermo-nos cuidadosamente perante essa energia dificilmente controlável.

Tanto mais que o amor parece resistir a qualquer espécie de racionalização. Eis aqui, sem dúvida, um outro elemento capaz de nos ajudar a compreender a secular desconfiança que ele inspira à filosofia. Repelido para o domínio do *pathos*, dos afectos obscuros, de todo esse magma psicológico que o sol da razão tem, por definição, tanta dificuldade em iluminar, o amor pura e simplesmente não seria objecto de trabalho para os filósofos. Quando muito, seria um motivo de distração para literatos. Assim, os escravos do conceito tratariam o amor com um desdém supostamente masculino, atirando-se sobre quem quer que se recusasse à sua aproximação de macho. Por mais estereotipada e gracejante que seja esta pista, ela está longe de ser desprovida de sentido. É preciso não esquecer que o discurso filosófico sobre o amor é um discurso de homens. Ninguém sabe o que ele será no futuro, e manteremos as cautelas necessárias para não entrar em especulações a este respeito, mas até agora foi assim. À excepção de Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, que de resto nunca pretenderam distinguir-se na filosofia pura, ninguém se espantará por só encontrar neste livro a versão de uma metade da humanidade.

Que o amor seja um tema infrafilosófico, eis uma posição de princípio que vale a pena pôr em causa, senão mesmo erradicar. Um dos raros grandes filósofos contemporâneos a pensar hoje

seriamente acerca do amor, Alain Badiou¹, define-o, pelo contrário, como uma «produção de verdade». Uma experiência que conduz ao facto «de que existe Deus», uma iniciação tornada possível por um encontro singular e, mais ainda, pela «declaração de amor», uma etapa crucial que faz a distinção entre o desejo e uma actividade puramente masturbatória. Quer isto dizer que muitos filósofos lhe conheceram mal as implicações? Evidentemente que não, e é mesmo essa a tese deste livro, que se propõe humildemente fazer-lhes justiça nesse aspecto. À sua maneira desajeitada ou fanfarrã, frequentemente lancinante, por meio até de uma animosidade feroz que se manifesta mesmo entre alguns, todos falaram do amor de um modo decisivo. Todos eles, na verdade, têm qualquer coisa a dizer-nos acerca do amor, da ilusão de eternidade que ele procura, do sofrimento que ele engendra e do modo como podemos tentar dominar esse sofrimento.

Segundo um outro estereótipo, só os poetas e os escritores terão alguma vez postulado verdades sólidas a este respeito. Uma vez mais, estamos perante uma enorme ligeireza, se não mesmo perante um caso de ignorância. O autor de *As Ligações Perigosas*², Choderlos de Laclos, o Clausewitz da guerra dos sexos, só reconhecia Rousseau como mestre nessa matéria. E o mesmo se passava com Tolstoi, autor, em *Anna Karénina*³, de uma das mais precisas descrições da derrocada lúgubre que o amor-paixão pode induzir numa beleza incorruptível. Também não se pode ignorar o fascínio ininterrupto que o desilusionista Schopenhauer exerceu sobre Proust, fenomenólogo sem par do ciúme e do desencanto

1 *Conditions*, «Qu'est-ce que l'amour?», Seuil, 1992. (N. das a.)

2 *As Ligações Perigosas [Les Liaisons dangereuses]*; trad. João Pedro de Andrade e Alfredo Amorim. Relógio D'Água, 1989. (N. do t.)

3 *Anna Karénina*; trad. António Pescada. Relógio D'Água, 2006. (N. do t.)

amoroso. Será necessário ainda lembrar que alguns dos filósofos aqui presentes foram, eles próprios, grandes romancistas do amor? *La Nouvelle Héloïse*¹, de Rousseau, o primeiro *best-seller* da história, exaltou de emoção o seu século, enquanto Kierkegaard é hoje lido sobretudo como o autor de *Diário de Um Sedutor*². Quanto a Beauvoir, poder-se-ia demonstrar com facilidade que os cruéis entremezes de *A Convidada*³ tiveram um efeito mais decisivo sobre a moral libertária de Saint-Germain-des-Près do que a longa argumentação de *O Segundo Sexo*⁴.

Seria igualmente falso sugerir que existe um consenso entre os filósofos acerca da questão do amor. Não há nada em comum entre a renúncia total preconizada por um Schopenhauer e a sublimação experimentada por um romântico como Rousseau. Coexistem mesmo duas grandes correntes, em total divergência. Depois de Voltaire, com o artigo «Amor» do *Dicionário Filosófico*⁵, podemos atribuí-las a dois nomes emblemáticos. Quem pretenda examinar «este tema pouco filosófico», escreve ele, «deve reflectir sobre o *Banquete*, de Platão, no qual Sócrates, amante honesto de Alcibiades e de Agatão, conversa com eles a respeito da metafísica do amor». Os outros, de temperamento menos delicado, virar-se-ão para Lucrécio, que «a esse respeito fala mais como físico»⁶, assegura o filósofo de Ferney. Dois eixos, portanto, para duas visões radicalmente opostas. Não há, na verdade, nada em comum entre

1 A única tradução portuguesa do livro que Jean-Jacques Rousseau publicou em 1761 foi editada na primeira metade do século XIX pela Typographia Rollandiana. (N. do t.)

2 *Diário de Um Sedutor*; trad. Carlos Grifo Babo. Presença, 1971. (N. do t.)

3 *A Convidada [L'Invitée]*; trad. Miguel Serras Pereira. Dom Quixote, 2000. (N. do t.)

4 *O Segundo Sexo [Le Deuxième Sexe]*; trad. Sérgio Milliet. Quetzal, 2009. (N. do t.)

5 Obra publicada anonimamente, em Genebra, por Voltaire, no ano de 1764. (N. do t.)

6 A palavra «físico» é usada aqui no sentido arcaico definido por Diderot no séc. XVIII como alguém «que conhece e estuda a Natureza, explicando os seus efeitos» (cf. *Dicionário francês Petit Robert*). (N. do t.)

Platão, que se esforça por ver nos males do amor uma contrapartida inevitável para a deleitosa exaltação e para o simulacro de imortalidade que ele propicia aos seres humanos, e Lucrécio, que preconiza uma entrega desenfreada às relações sexuais, para assim escapar aos perigos de uma paixão única. De um lado, a magia branca do amor, do outro, a sua magia negra. De um lado, a ideia de que aquilo que é vivido durante uma hora ou ao longo de vinte anos tem como ponto de fuga a eternidade. Do outro, a de que há nisso um bruxedo atroz que só pode conduzir ao desastre e que deve, portanto, ser obrigatoriamente erradicado. Nenhum dos sucessores de Platão e de Lucrécio virá a encarnar de um modo quimicamente puro as respectivas «cores». Mas todos eles, à sua maneira, espelharão uma tendência.

Actualmente impõe-se ainda uma outra constatação: a face trivial e desencantada do amor parece ter triunfado. A fazer fé no filósofo alemão Theodor Adorno, que morreu em 1969, deixou de haver qualquer hipótese de se «ver abrirem-se as portas do sétimo céu num *flirt* com um namorado». Na sociedade contemporânea, «o amor está reduzido a nada», chega ele a escrever em *A Dialéctica da Razão*¹. O que teria obscurecido a tal ponto a luz erótica inicial da Grécia e remetido o amor cortês para o sótão da história? Com o reducionismo científico dos tempos modernos, impôs-se a separação entre amor físico e amor espiritual, constata Adorno. De um lado, o prazer dos órgãos, do outro, o mecanismo sentimental. «Esta dissociação, que torna o prazer mecânico e a paixão um engodo, fere o amor no seu centro nevrálgico», escreve. A li-

1 No original alemão, escrito em parceria com Max Hotkheimer, *Dialektik der Aufklärung*; a única tradução registada para a língua portuguesa, da autoria de Guido António de Almeida, tem como título *Dialéctica do Esclarecimento* e foi publicada em 1985 no Rio de Janeiro. (N. do t.)

bertinagem do passado é reincarnada hoje pelo «homem prático e comunicativo, que estende à vida sexual a sua profissão de fé, em prol da higiene e do desporto». O amor torna-se assim uma questão puramente fisiológica. Um «comércio de fluidos», dizia Paul Valéry.

Foi assim que os homens passaram a acreditar na «sexualidade», deveria dizer-se em resumo. Uma actividade agradável, *«fun»*, sem nada em jogo. Esta nova ideologia tê-los-á pelo menos libertado da angústia supostamente ligada ao prazer carnal desde a Queda bíblica? Nada é menos seguro, de tal forma o moralismo parece ter sobrevivido como um imperativo, a ponto de a libertação se tornar uma opressão de outro tipo. Na era dos «Eros centers» e do hedonismo de massas, a crueldade do amor chega a ser redobrada, com cada corpo a viver-se a si próprio ansiosamente como substituível por outro, sem que a instituição do casamento «para toda a vida», tecida pelo cristianismo, consiga ainda proteger quem quer que seja de se sentir um *ersatz*¹ passível de substituição. Assim, o sexo está omnipresente no universo mental contemporâneo e simultaneamente destituído daquilo que fazia dele um enigma excitante. A psicanálise terá seguramente feito muito para habituar os espíritos a descobrir, por detrás de cada acção e de cada palavra, motivações sexuais. Não poderia considerar-se, ao invés, que é a libido que serve frequentemente para dissimular outro tipo de motivações? Eis o ponto de vista forte defendido por Nietzsche num dos seus *Fragmentos Póstumos*, ao afirmar que «para dois amantes, no sentido forte e completo do termo», a satisfação

1 Palavra da língua alemã que significa, literalmente, «substituto». O termo passou a ser usado em inglês e francês na sequência da Primeira Guerra Mundial. A palavra passou a ter, nestas línguas, a acepção de «produto de substituição de qualidade inferior ao original», acepção essa que não corresponde ao significado original na língua alemã. (N. do t.)

NOTAS BIOGRÁFICAS

AUDE LANCELIN é professora universitária de Filosofia desde 1996. Em 2000, integrou o semanário *Nouvel Observateur*, cobrindo os temas da cultura, em especial a crítica literária e a filosofia, tendo realizado entrevistas com filósofos contemporâneos de renome, nomeadamente Alain Badiou, Peter Sloterdijk e Slavoj Žižek.

MARIE LEMONNIER, formada em Filosofia, é igualmente jornalista no *Nouvel Observateur*, na área da cultura.

OS FILÓSOFOS E O AMOR
FOI COMPOSTO EM CARACTERES
HOEFLER TEXT E IMPRESSO PELA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS, SOBRE
PAPEL CORAL BOOK
DE 80 GRS, EM
JANEIRO DE
2015